

O povo cigano contra o sistema-mundo: reflexões a partir de uma militância feminista e anticapitalista



El pueblo gitano contra el sistema-mundo: reflexiones desde una militancia feminista y anticapitalista

*Sara Macêdo de Paula**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), Goiás, GO, Brasil.

ORCID: 0000-0003-3367-1479

*Autor correspondente (e-mail: sara.macedop@gmail.com)

FILIGRANA, Pastora. **El Pueblo Gitano contra el Sistema Mundo: reflexiones desde una militancia feminista y anticapitalista**. Akal, 2020.

Pastora Filigrana é uma estrela no céu dos povos ciganos, onde cada um se destaca com seus brilhos singulares, e ao mesmo tempo tão similares. Ela faz parte de uma elipse territorial cigana em soma constante, representando algo que, mesmo suprimido, tem muito a anunciar. Seu lugar no mundo é a Espanha, nos famosos “guetos” ciganos, com uma ancestralidade sindicalista, conhecedora de como os salários e a renda destinada aos mais pobres são uma espécie de enclausuramento. Seus escritos, a partir dessa elipse presente em sua categoria teórica instrumental do “sistema-mundo”, traduz justamente isso, prova grafada da opressão histórica de quem nunca se dobra: a etnia cigana. Seu livro possibilita o encontro com a ancestralidade em primeira pessoa, assim como uma reflexão teórica profunda com autores críticos e não-ciganos, que possuem elementos da literatura que convergem à perspectiva de mundo cigana.

Assim como outros tantos escritores ciganos (maioria não publicados), sua escrita pretende curar suas próprias feridas e a de sua comunidade. Além disso, visa tornar esse pessoal (identidade) em política (HOOKS, 2020). E fez isso questionando diversos paradigmas do que é diferenciado enquanto antissistêmico ou revolucionário, pois, até aquilo que é dissidente tem cor, etnia, racialidade e gênero. Isso, sem renunciar à escrita acadêmica tão inerente aos *payos*¹. Ela escreve isso num contexto de pré-pandemia da COVID-19, quando as comunidades precisam estar mais juntas do que nunca. Sua literatura é interessante para compreender os becos no qual se encontram a diversidade cigana. Mas não se tratam de becos sem saídas.

¹ Termo na língua cigana *romani* característica da península ibérica, que descreve um não-cigano.

Em escritos recentes que tive a oportunidade de publicar, discuti a respeito de certa magia cigana (MACÊDO, 2022), e da categoria folclore, tão fortemente associada à etnia cigana. Também abordo o território do mito, do misticismo, do *"subdesarollo"*² (subdesenvolvimento) e ao primitivo. Nesses escritos, afirmo que existe um uso equivocado desses adjetivos. E nessa mesma perspectiva, Pastora Filigrana coloca que escreve nessa obra como se *payo* fosse. Para quem sabe assim, consiga estima positiva dessa hegemonia branca e não-cigana.

Escolhi o termo da linguística cunhado de eclipse, pois os ciganos estão na estrada e na história há muitos séculos, mas a hegemonia que se declara civilização no capitalismo prefere não mencioná-los. Filigrana começa seu primeiro capítulo delineando isso. No primeiro parágrafo, a autora destaca um de seus maiores incômodos: a renda e o trabalho formal, tão fortemente associados. Assim, ela nos traz uma análise das relações de trabalho com base no conceito marxista do exército industrial de reserva (EIR) (MARX, 1983). Sua percepção [Pastora] é brilhante ao diferenciar o trabalho formal de maneira distinta, e muito bem relacionado à renda e ao salário. E que, para haver acumulação de riqueza na mão de poucos, é preciso que haja pessoas sempre à disposição do trabalho para que possam, no máximo, sobreviver. Trata-se da reserva humana. Tudo isso também é consubstancialmente recortado por território, raça, etnia, classe e gênero. Quem recebe mais ou quem recebe pouco ou realmente nada. Afinal, há a métrica do que é realmente trabalho, e, se deve receber algo por seu desempenho.

Por isso, afirmo que a diferenciação entre trabalho formal e outras formas de trabalho é essencial, pois o território cigano é historicamente ligado a termos como "vadiagem" e seus sinônimos. Essa conexão tem todos os tons do que é tratado pela hegemonia capitalista enquanto trabalho formal e "digno". Pior, essa métrica que separa o trabalho "digno" do indigno, através de sua hegemonia, sussurra que esse esquema é da essência humana. Ou seja, quem não se encaixa, tem pouco de humano, pontua a escritora. Essa mesma métrica trata a natureza como utilitária e a livre disposição monetária, e se insinua subjetivamente na socialização geral. Frantz Fanon aponta um horizonte semelhante, ao dizer que a colonização não teria dado tão certo se também não fosse psicológica (FANON, 2008). E não se encerra se nomeando enquanto padrão de "dignidade", mas também organizando a história, através de contos fundadores. Ou como Pastora salienta, história tratada como natural:

A existência de mitos fundadores na história da humanidade funciona como tentativa de encontrar uma unidade, uma única origem para o humano nos seus diferentes aspectos, estabelecendo um efeito de homogeneização à

² Conjectura utilizada por Pastora.

condição humana. Esse efeito busca estabelecer totalidades e negar diferenças apacando, assim, a angústia gerada pelo contato e reconhecimento das diferenças (SOUZA, 2004, p.12).

E veja bem, se esse mito de origem está amarrado ao sistema de produção capitalista, seus efeitos homogeneizam as subordinações não só de classe, mas de categorias sociais, como: mulher, negro, pessoa de etnia, gênero dissidente e sexualidade. A escritora também reflete sobre o trabalho de reprodução social (associado principalmente às mulheres) solidificado nessa narrativa de riqueza e acumulação. Coincidentemente, os trabalhos de cuidado e reprodução da vida são tidos como tarefas e, quase sempre, nunca remuneradas. A métrica persiste em excluir determinadas individualidades, principalmente de territórios considerados de segunda categoria, ou “pouco civilizados”. Isso também é a tal colonização citada anteriormente em Frantz Fanon (2008), braço articulado ao sistema capitalista, e ao que chamamos de modernidade. Sim, o capital tem história datada.

Supremacia racial, patriarcado e colonização se articulam de maneira hegemônica para ditar o padrão de civilidade. E quando não consegue se impor por consenso, coerção é sempre outra carta do baralho (GRAMSCI, 2000). Este esquema, Pastora Filigrana vai cunhar de “sistema-mundo”, uma categoria utilizada por outros autores, e que lhe coube bem pegar emprestada para desvelar desde sua identidade cigana. E ora, esta categoria não é uma casa sem janelas, ela possui saídas.

As saídas começam por arrancar algumas máscaras, e mostrar a cara da violência dessa hegemonia que transforma pessoas em mercadorias, e ainda diz que é bonito e singelo. E descambar a universalidade desse sistema que se porta enquanto único no mundo, pois, hegemonia não significa total aderência. Pelo contrário, “a dominação nunca pode ser tomada como dada, mas deve ser compreendida como constituída de lutas hegemônicas – disputas por liderança moral, intelectual e política” (SILVA BORGES, 2019), a diversidade sempre esteve presente. A falta de limites do próprio capital (HARVEY, 2013) faz com que as dissidências estejam procurando resistir. Pastora afirma substancialmente que as contradições desse esquema capitalista são e serão seu próprio coveiro. Nesse capítulo específico referente às saídas do sistema-mundo, ela traz diversos autores marxistas à berlinda do debate, como a historiadora italiana que adora escrever sobre bruxaria, Silvia Federici, o geógrafo britânico das teorias da acumulação, David Harvey, além do próprio nomeado da corrente de pensamento, Karl Marx. Deste último, ela discorda nominalmente de um de seus prognósticos principais.

A dissidência não seria um problema se o padrão não fosse colonial. Assim, “o direito penal admite e legitima o tratamento de uma pessoa como não pessoa, ou seja, considerada como um ente puro ou coisa perigosa.” (ZAFFARONI, 2007, p. 190). Sim, ele mesmo, o Direito, outra forma tão naturalizada e analisada enquanto legítimo e a-histórico, é o castigo organizado

para as vivências dissidências. A partir da leitura de *Filigrana*, posso refletir que para povos ciganos, que mantêm enquanto tradição, uma perspectiva de comunidade, o saldo de castigos que vemos na maioria dos jornais de maneira estereotipada³ e racialmente moldada é gigantesca.

“Toda a cosmologia do viver de povos [...], essa constituição que se manifesta nas margens” (MACÊDO, 2021, p. 101), economias solidárias, mulheres organizadas, e tudo que preza pelo comunitário em detrimento ao individual, faz parte das janelas de saídas desse grande buraco do capitalismo. À margem do mundo habitado, apesar de sofrer para permanecer enquanto alteridade, estão as alternativas. E Pastora discorda novamente de Karl Marx, ao sustentar que o cidadão europeu branco que supostamente liderará a vanguarda da revolução que permitirá o acesso de todos aos bens de sobrevivência, se transformou em somente mais um consumidor.

Em seu capítulo dois, Pastora retorna com o título do livro, revidando diversos estereótipos contra a etnia cigana com ensinamentos anti-sistêmicos preciosos. Além de fazer um grande retorno para delimitar historicamente esses povos, que estão em fluxos itinerantes antes mesmo da palavra diáspora existir⁴. Ao ler o livro, um pouco do mistério é contado, mas não todo, pois algumas heranças são proteções. Um exemplo desse perigo é abordado na página 35, que relata o momento da *Gran Redada*⁵ (1749) na Espanha, em que rei e Igreja Católica determinaram a prisão de todos os ciganos, quase dez mil, separando homens de mulheres em idade reprodutiva, com o intuito bem percebido de erradicar racialmente uma etnia. Somado a isso, foram apropriados todos os bens deste agrupamento étnico, para que eles mesmos bancassem os meios de seu enclausuramento. Podem-se utilizar termos como limpeza social e higienização étnico-racial para definir essa parte da história espanhola.

Estado, leis, Igreja Católica, heranças monárquicas e instrumentos de coerção social fizeram parte da vida de povos ciganos na Espanha durante séculos, mas não de maneira favorável. Pelo contrário, *Filigrana* traz um pouco da bagagem histórica de, principalmente, mulheres ciganas, que sofreram, por diversas vezes, esterilizações forçadas com o intuito de aniquilar a etnia em “casas” de fé da Igreja, com nomes como “misericórdia”. Resistir e persistir enquanto povo, nesse contexto, é por demais singulares.

Outra questão interessante abordada pela escritora é sobre a narrativa hegemônica payo sobre a assimilação. Esta narrativa costuma ser contada pelas mesmas pessoas que re-

³ Um exemplo dessa forma estereotipada é a matéria com link a seguir, de suposto sequestro por parte de população cigana em Goiás. Em: ADOLESCENTE mineira foge com garoto e é sequestrada por ciganos em Goiás. O Tempo, [S. l.], p. 1-0, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/adolescente-mineira-foge-com-garoto-e-e-sequestrada-por-ciganos-em-goias-1.2577611>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.

⁴ A diáspora, associada à palavra dispersão, é fortemente ligada ao movimento étnico de povos judeus, mas é reaproveitada enquanto metáfora por outros povos racializados, como povos negros e ciganos, afinal “podemos envolver-nos num estudo de como a diáspora nasce ou é formada historicamente, ao invés de presumir que uma diáspora existe e impõe uma hipótese sobre a realidade, deduzindo fatos a partir da teoria” (Morier-Genoud & Cahen, 2013, p. 9).

⁵ Nome dado pelos próprios povos ciganos.

clamam de agrupamentos ciganos que estão em acampamento por suas cidades. Uma forte ironia. Em face desse conto sobre assimilação, de que povos ciganos não querem fazer parte do mundo considerado civilizado, “os seres embotados, roídos de dentro pelas febres e os «costumes ancestrais», constituem um marco quase mineral do dinamismo inovador do mercantilismo colonial” (FANON, 1968, p. 38). Quem faz o mundo, aparentemente, são somente os payos, em sua maioria, brancos. Ademais, é realmente temerário que a diversidade, as singularidades das tradições, e outras formas de se organizar no mundo, sejam observadas enquanto problemáticas a serem integradas no sentido que significaria um esmagamento cultural. Exceto quando esses mesmos povos servem ao intuito de serem elementos de um espetáculo do diverso, permitido uma ou duas vezes ao ano, com diversos subsídios de apropriação. Pois o diverso, na perspectiva da hegemonia do capital, vai ser apresentado como essa hegemonia acredita que deve ser pronunciado. Filigrana apresenta algumas imagens no percurso de seu livro que explicam didaticamente como a imagem de povos ciganos, no decorrer da história, é majoritariamente anunciada. Não se pode esquecer também que o flamenco, dança e expressão popular que se originou na Espanha, tem raízes ciganas. Mas isso é devidamente colocado?

Pastora Filigrana trabalha também com categorias teóricas como Oriente e Ocidente e os pactos da modernidade histórica, que selaram que a grande história a ser contada, de desenvolvimento e superioridade moral está nesse segundo em menção, o Ocidente. Principalmente se referindo a payos brancos, que nunca se designaram enquanto raça, mas enquanto humano, simples e curto. Em seu terceiro e último capítulo, algumas propostas são feitas, mas sempre pensando que o território a ser pisado, é escorregadio. E desafiar a hegemonia dominante é certamente tarefa histórica e complexa, principalmente se você já vive de maneira que entra em contradição com os planejamentos do capital e da acumulação de riquezas. Se essa hegemonia detém o monopólio da violência, como escrito anteriormente, a situação é alarmante.

O desafio está posto até para quem sustenta que a união das classes trabalhadoras do mundo sanará todos os problemas. Afinal, se a categoria “trabalho formal” foi categorizada por Karl Marx e suas derivações e vertentes enquanto uma problemática, povos ciganos enfrentam no plano presente, os desafios dessa equação. Assim, como por exemplo, os povos originários do Brasil, que são desafiados o tempo todo, a “entrar no mercado de trabalho”. Isso realmente resolveria problemas como marginalização e pobreza? Ou seria somente mais um braço da assimilação? Tomar consciência identitária é um grande passo para se enxergar no mundo com mais singeleza. Enquanto somente parte. As hierarquias criadas pela hegemonia de payos brancos necessitam de óculos bifocais para que se enxerguem todos os seus braços. Assim como a unidade que nega, mesmo que de forma despreziosa, as diferenças e diversidades entre os povos, é coveira de transformações estruturais. As saídas ao sistema-mundo sempre estiveram acontecendo, e Pastora faz o convite com maior intimidade às singularidades ciganas, tão pouco discutidas em qualquer canto do mundo. Povos ciganos já fazem parte do

mundo, só falta que esse espaço seja objeto de dignidade. Para isso, muitas estruturas invisíveis precisam desmoronar, além de muitas máscaras deixarem de existir.

Referências

BORGES, Samuel Silva da Fonseca. **Imagens da ideologia punitiva: uma análise de discurso crítica do Movimento Brasil Livre**. 2019.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GRAMSCI, Antonio. Hegemony, Relations of Force, Historical Bloc. In: David Forgacs (ed.). **Gramsci Reader**. Nova Iorque: New York University, 2000.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

MACEDO, Sara P. Lace Dromi é uma borboleta que "Vem me ver" de manhã após uma conversa com Sinvaline. In: PINHEIRO, Sinvaline et al. **Trieiros: obra reunida de Sinvaline Pinheiro**. Ceres: IF Goiano, 2022. Disponível em: <https://informatica.ifgoiano.edu.br/ifemmovimento/index.php/publicacoes-2/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

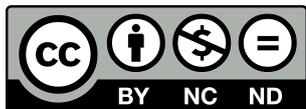
MACEDO, Sara P. Romanipen nas margens: o triângulo marrom, diáspora e a movimentação de mulheres romani. In: Henriques Marques Samyn; Lina Arao. (Org.). **Feminismos dissidentes: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MORIER-GENOUD, Eric; CAHEN, Michel. Introduction: Portugal, Empire, and Migrations—Was There Ever an Autonomous Social Imperial Space? In: **Imperial Migrations**. Palgrave Macmillan, London, 2013.

SOUZA, Mériti. Mito fundador, narrativas e história oficial: representações identitárias na cultura brasileira. In: **Anais Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portu-**

gal. 2004. Disponível em:
<https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel46/MeritiDeSouza.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2022.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Recebido em: 15/08/2022
Aprovado em: 01/09/2022